

Uma paixão de Vieira pelo Oriente no tempo da protoglobalização?

Did Vieira nurture a passion for the Orient during the first globalisation?

José Eduardo Franco

Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta
CLEPUL-Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
eduardofranco.ceg@gmail.com
ORCID: 0000-0002-5315-1182

RESUMO

Este artigo parte de uma pergunta que se tornou uma hipótese de pesquisa: o Padre António Vieira teria tido uma paixão e um interesse devotado pelo Oriente, no plano intelectual, missionário ou cultural, e, neste horizonte geográfico, de modo especial pela China? A averiguação da vida e de toda a vasta obra escrita de Vieira permitir-nos-á responder e analisar as referências ao Oriente e, particularmente, as percepções, as alusões e as representações do império chinês, de modo a extrair e compreender os significados da presença deste povo e deste imenso país nos escritos deste renomado missionário do Brasil e pregador régio do rei de Portugal, D. João IV. A partir desta recolha, da classificação das referências sínicas e da sua análise, o nosso estudo ponderará criticamente até que ponto e de que modo poderemos ou não afirmar que Vieira teria tido uma paixão pelo Oriente, à semelhança do que aconteceu com muitos dos seus confrades jesuítas no período moderno e que motivou uma significativa vaga de missionários ocidentais para aquele quadrante geográfico do mundo, então em fase de protoglobalização.

PALAVRAS-CHAVE

Vieira, Jesuítas, missão, Oriente, China, representações.

ABSTRACT

This stems from a question that later became a research hypothesis: did Father António Vieira have a passion and an interest in the Orient, on an intellectual, missionary or cultural level, and particularly in China? The study of Vieira's life and vast written records will allow us to analyse the references to the Orient and, particularly, the perceptions, allusions and representations of the Chinese empire. In this way, we can understand the meaning of the presence of this people and of this immense country in the writings of the renowned Brazilian missionary and royal preacher of the King of Portugal, D. João IV. Starting from the classification of references to China and their analysis, our study will critically consider to what extent and in what way we can affirm that Vieira had a passion for the Orient. This is similar to what happened to many of his Jesuit brothers during the modern period and was also what motivated a significant wave of Western missionaries to reach out to that geographical quadrant of the world in a stage of early globalisation.

KEYWORDS

Vieira, Jesuits, mission, East, China, representations.

A China é um país imensamente grande, povoado de pessoas muito inteligentes e por numerosos sábios [...]. Eles são tão apegados ao saber que o mais instruído é o mais nobre [...]. Se Deus quiser, escreveremos em detalhe sobre os negócios da China: como fomos recebidos e quais as predisposições oferecidas por este país para a expansão da nossa fé.

Francisco Xavier (1987)

O céu estrela o azul e tem grandeza
Este, que teve a fama e a glória tem,
Imperador da língua portuguesa,
Foi-nos um céu também.

Fernando Pessoa (2013)

1. Introito: Vieira, a sua vida e as suas paixões

A vida e a ação política, religiosa, social e cultural do Padre António Vieira (1608-1697) fizeram deste grande pregador do século XVII – que o poeta Fernando Pessoa elevou ao *podium* de “Imperador da Língua Portuguesa” (Pessoa, 2013, p. 80), na sua obra intitulada *Mensagem* – uma figura singular e marcante da história portuguesa e internacional. Muitas das qualidades principais que caracterizam alguém com capacidade de iniciativa e de realização podem ser identificadas na biografia do mais famoso jesuíta português. Espírito de iniciativa, capacidade de liderança e de criação de redes, maior concentração nas soluções do que nos problemas, resiliência, assertividade, criatividade, mobilidade, eficácia e flexibilidade são alguns dos talentos que Vieira pôs em prática em diferentes contextos, cenários geográficos e culturas para intervir em favor de transformações do foro político, religioso e social.

Nascido em Lisboa, junto à Sé, ponto nevrálgico da vida religiosa e social da capital portuguesa, Vieira viu-se obrigado, em 1614, a viajar para o Brasil, a fim de acompanhar a sua família, a qual se foi juntar ao pai, que tinha sido destacado para exercer funções de escrivão da Alfândega da Baía. Foi nesta capital da colónia brasileira que teve a oportunidade de ingressar no Colégio dos Jesuítas e de fazer todo o percurso formativo para se tornar padre daquela que era então considerada a ordem mais universalista da Igreja Católica.

A Companhia de Jesus criou, na Modernidade, um modelo de colégios e multiplicou-o numa rede que ultrapassou as fronteiras europeias. Em quase todos

os palcos do globo onde os Jesuítas desenvolveram e consolidaram atividade missionária fizeram acompanhar a sua presença religiosa organizada com a edificação de instituições educativas. O colégio jesuíta e o seu ideário pedagógico, uniformizado por um método testado no terreno e depois aprovado superiormente no final do século XVI, com o nome de *Ratio Studiorum*, foram reproduzidos planetariamente ao sabor da expansão da atividade proselitista da Ordem de Santo Inácio. O investimento poderoso no ensino fazia parte integrante da sua estratégia de evangelização, assente na aposta numa formação intelectual qualificada. O modelo de colégio jesuíta constitui a primeira e mais extensa experiência de globalização pedagógica conhecida desde a Modernidade. A rede de colégios criados em Portugal e no mundo entre os séculos XVI e XVIII representa uma parte importante desse fenómeno extraordinário de globalização de um modelo pedagógico estandardizado. Charles Boxer, historiador inglês da expansão portuguesa, viu na Companhia de Jesus – como depois aprofundou ainda mais Dauril Alden, nos seus estudos sobre a construção de uma empresa – uma espécie de multinacional moderna, que antecipou, em orgânica e métodos de gestão, conceitos que guiam as empresas multinacionais contemporâneas (Alden, 1996).

Vieira acaba por tornar-se, num contexto luso-brasileiro, uma figura emblemática daquela marca distintiva dos membros da Companhia de Jesus, enquanto ordem de circulação e atuação global. De facto, este pregador barroco identificou-se com o modelo definido por Chris Lowney no seu curioso livro sobre a história da Companhia de Jesus, escrita à luz das categorias linguísticas e conceptuais do universo epistemológico da gestão e da economia contemporâneas: “Os Jesuítas abraçavam o mundo; inseriam-se na vida quotidiana, viviam nas cidades e centros culturais, viajavam e trabalhavam com as populações” (Lowney, 2006, p. 134).

Com efeito, a Companhia de Jesus imprimiu, na Modernidade, uma forte e decidida viragem no modelo de vida monástica clássica, já encetada na Baixa Idade Média pelas ordens mendicantes, de que é herdeira. Em vez da medieval e beneditina *fuga mundi*, os Jesuítas apostaram fortemente na *vita in mundo*. Nestes e noutros aspetos, a Ordem de Santo Inácio de Loyola revela-se bem moderna e ajustada aos desafios impostos à Igreja pela abertura globalizante da vida humana no planeta Terra.

Foi, de facto, num dos colégios mais importantes dos Jesuítas que Vieira se formou e se revelou como um excelente orador, subindo às tribunas do tempo, que eram os púlpitos das igrejas, com grande sucesso. Tornou-se um mestre da palavra e um *opinion maker* do seu tempo, no dizer da nossa gíria jornalística

atual. Como padre e pregador de renome, o seu percurso não ficou preso ao bem dizer e ao bem criticar, antes associava a palavra à intervenção. Já durante a sua formação em humanidades, filosofia e teologia, para aceder ao sacerdócio, o seu talento para o estudo e a sua inteligência acima da média mereceram-lhe a autorização dos seus superiores para poder redigir as sínteses a partir dos diversos autores e para compor as suas sebatas do estudo próprio. Como missionário junto dos índios, que era a vocação fundamental para que se sentia chamado, fez tudo o que estava ao seu alcance para promovê-los pelo acesso à fé cristã e pela sua elevação a um grau civilizacional que considerava superior. Para o efeito, não só inventou estratégias missionárias adequadas às diferentes realidades tribais, como elaborou manuais de instrução cristã nas línguas nativas, que se esforçou por aprender. Além disso, não teve receio em defender os seus missionandos da voracidade escravagista que então grassava na colónia brasileira, afrontando os excessos dos senhores de escravos. Os seus sermões, muito ousados, de crítica social são um eloquente testemunho das mudanças sociais que sonhava implantar, à luz dos valores em que acreditava. Aliás, a sua obra parenética encerra uma verdadeira utopia social, que antecipa preocupações fundamentais que vão ser consagradas na proclamação dos Direitos Humanos e nos projetos de reforma social europeia e extraeuropeia.

A Restauração da Independência de Portugal obrigou-o a regressar a Lisboa em 1641. A capital portuguesa, e depois a própria corte, rendeu-se ao poder sedutor da sua oratória sagrada. O rei D. João IV convidou-o para seu pregador real e, depois, também para seu conselheiro político e até para participar em algumas missões embaixatoriais no centro da Europa. Aí revelou-se um estratega e um empreendedor de reformas em ordem à reabilitação de Portugal (cf. Vainfas, 2011).

As diversas viagens que Vieira teve de realizar entre a América e a Europa, passando por África – tornando-o, de facto, um dos intelectuais portugueses que mais viajaram no século XVII –, abriram-lhe horizontes que funcionaram como fatores de aprendizagem e fontes de inspiração e confrontação para gerar soluções progressivas para a sociedade do seu tempo. Neste domínio, são de destacar as suas viagens por diferentes países europeus que estavam em situação de emergente afirmação imperial e considerável progresso social, económico e científico-tecnológico, como eram os casos dos Países Baixos e de França.

Da visão global dos empenhamentos da vida do Padre António Vieira, podemos aferir que este magno escritor teve duas grandes paixões que guiaram a sua vida: a paixão pela Companhia de Jesus e pela sua causa missionária e a paixão

pela causa de Portugal, que não era contraditória com a primeira, pois entendia Portugal como o país missionário por excelência. Dentro da sua paixão pela Companhia de Jesus, devotava e confessava a sua paixão que se traduziu num ideal de vida de juventude: a evangelização dos ameríndios.

A obra escrita que Vieira nos legou, produzida em pleno tempo de protoglobalização, constitui-se como caixa de ressonância de uma mundividência em expansão. Embora o Padre António Vieira nunca tenha estado no Oriente e os seus círculos de mobilidade tenham estado circunscritos à Europa e ao Brasil, passando esporadicamente pelo continente africano, nas rotas das suas viagens interatlânticas, era membro de uma ordem global, a Companhia de Jesus, presente através da rede intercontinental de missões e de colégios, que recolhia e fazia circular entre os seus membros informações sobre os vários povos e civilizações do mundo, funcionando como um autêntico observatório da globalização em curso (Franco, 2020)¹. A sua multifacetada obra escrita, nos seus diferentes géneros literários e tipologias textuais (epistolografia, parenética, tratados, apologias, defesas judiciais, relatórios e projetos políticos, pareceres, poesia e teatro), faz ressonância de miríades de assuntos, desde aqueles em que Vieira está profundamente envolvido até aos que diziam respeito à sua geopolítica global, à sua Ordem, à Igreja Católica e ao esforço missionário em curso em diferentes pontos do mundo. É a partir do observatório global que, no seu tempo, a Companhia de Jesus era de facto, que Vieira recolhe informações e traduz perceções do Oriente, em geral, e da China, em particular, não deixando de fazer as suas considerações e apreciações. Percorreremos o conjunto da sua obra, identificaremos e analisaremos as referências sobre o Oriente e a China, assim como os seus significados no quadro dos diversos contextos e etapas cronológicas da vida do autor e da história do seu tempo.

2. Presença e significados da China na obra de Vieira

O Oriente e, em particular, a China, estando no horizonte do projeto de expansão global do cristianismo em que os Jesuítas estavam envolvidos e no qual muito investiram em termos de recursos missionários, humanos e materiais, eram sobejamente conhecidos da Companhia de Jesus, que fazia chegar informações

¹ Esta parte do nosso artigo, que aqui termina, recupera e recompõe pesquisa e análise já escrita e publicada noutros lugares pelo autor, em edições elencadas nas referências bibliográficas.

regulares à Europa através de cartas, mapas, relatórios, crónicas, tratados, histórias, gramáticas, dicionários, traduções e gravuras.

Vieira integra, na sua obra, a China no horizonte da pregação universal da fé, como bem ilustra este passo interessante, em que fala dos diferentes perfis de missionários: os que trabalham *ad intra*, em terras tradicionalmente cristãs, e os que laboram *ad gentes*, ou seja, junto de povos não conhecedores do cristianismo. Assim explica este pregador:

Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das pasadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair são os que se contentam com pregar na pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. (Vieira, II, II, p. 44)²

A China e os “chinos” (assim eram então denominados os chineses) são referenciados mais de 130 vezes na *Obra Completa* de Vieira – quer na sua epistolografia e na sua parenética, quer ainda nos seus escritos proféticos e nos escritos políticos –, a diversos propósitos e com diferentes funcionalidades. Podemos equacionar tipologicamente as referências, as perceções, os usos e os significados da China na obra vieirina em sete campos de sentido:

- I. Espanto e descrição da imensidão do império chinês;
- II. Curiosidades de um país exótico com significados morais e cívicos;
- III. Impenetrabilidades vencidas e epopeia missionária;
- IV. A China integrada na nova ordem global da utopia do V Império;
- V. Território de experimentação de metodologias e de disputas missionárias;
- VI. Comparação e reivindicação: a geoestratégia missionária jesuíta;
- VII. Espaço de conflito político e comercial.

I. Espanto e descrição da imensidão do império chinês

Não eram apenas do tempo de Vieira as notícias que chegavam e impressionavam a Europa sobre a China, pela sua grandeza e pela singularidade da sua civilização. Havia séculos que o império chinês suscitava a curiosidade dos

² Referenciaremos desta forma simplificada as citações de Vieira da sua *Obra Completa*, descrita nas referências bibliográficas: tomo, volume e página.

européus, tendo as célebres viagens de Marco Polo na Baixa Idade Média, mas não só, sido um momento importante para abrir janelas de curiosidade para esse conhecimento. Todavia, foi no dealbar da Época Moderna europeia, com as suas viagens marítimas, que estabeleceram redes comerciais com zonas do império chinês, que esse conhecimento começou a aprofundar-se. Para tal muito contribuíram não só comerciantes e aventureiros, como o ex-jesuíta português Fernão Mendes Pinto e a sua emblemática obra *Peregrinação* (Pinto, 2018), mas especialmente um número significativo de missionários ocidentais de ordens religiosas, podendo destacar-se os Franciscanos, os Dominicanos e mormente os Jesuítas. Estes últimos conseguiram entrar na China nas últimas décadas do século XVI, depois de tentativas falhadas por parte de missionários católicos, e iniciar um trabalho longo de implantação da sua presença missionária, com alguns frutos significativos, embora com altos e baixos, em termos do seu projeto de evangelização cristã. Os missionários da Companhia de Jesus foram responsáveis por oferecer à Europa, através da rede de informação e comunicação da sua ordem religiosa, novos dados sobre o império china, nunca até então tão amplos e diversificados.

O Padre António Vieira, tendo acesso privilegiado à informação que circulava pela iniciativa dos confrades da sua ordem, fez eco da mesma nos seus escritos, sendo de destacar, desde logo, a perceção cada vez mais amplificada da imensidão desse país distinto, o que lhe permitiu classificar a China, com rigor, como o maior império da Ásia. Num sermão de ação de graças pelo nascimento de um novo infante real, D. António, filho do rei D. Pedro II, a 15 de março de 1695, o velho pregador dos antigos reis de Portugal, então a viver na Baía de Todos-os-Santos, escreveu, perspetivando a promissora terra de missão que representava para o cristianismo este imenso território: “Nau para a China a unir à mesma Igreja já aberto o maior império da Ásia” (Vieira, II, XIII, p. 309). Alguns confrades jesuítas já estavam a atuar na China desde a entrada pioneira, cerca de 15 anos antes, a partir de Macau, dos missionários italianos da Companhia de Jesus Michele Ruggieri e Matteo Ricci. Ao longo dos seus escritos, redigidos entre 1626 e a sua morte, em 1697, Vieira foi fazendo referências, aqui e acolá, à China, indicando até dados estatísticos sobre a sua população e a sua organização territorial. Dava a saber que a China se ordenava administrativamente em 15 províncias e que contava com uma população de “118 milhões de vassalos”. Depois, mais para o fim do século XVII, chegou a apontar, na sua obra profética, que este país teria 150 milhões de habitantes. Embora seja acertada a perceção da sua grandeza territorial e da sua população descomunal, que reconhece facilmente que é mais

numerosa que a de todos os países da Europa juntos, a China é impropriamente caracterizada, à semelhança do Japão, como dispendo de uma unidade linguística, que hoje sabemos não ser verdadeira, pois neste país falam-se diversos idiomas. Assim dá conta no “Sermão do Espírito Santo”, pregado em São Luís do Maranhão:

Manda Portugal missionários ao Japão, onde há cinquenta e três Reinos, ou sessenta, como outros escrevem; mas língua, ainda que desconhecida, é uma só [...]. Manda Portugal missionários para a China, império vastíssimo, dividido em quinze Províncias, capaz cada uma de muitos reinos, mas a língua, ainda que desconhecida, é também uma. (Vieira, II, V, p. 255)

Quando Vieira se refere à China para caracterizar este espaço geográfico e civilizacional usa sempre superlativos, para oferecer uma perceção da grandeza invulgar deste país. O processo de globalização do conhecimento do planeta Terra então em curso – no qual os Jesuítas participaram, contribuindo para a constituição da primeira base de dados global para o conhecimento do mundo – suscitou a paulatina revisão da história universal em perspetiva eurocêntrica, integrando o conjunto cada vez mais alargado das histórias dos povos e civilizações de toda a Terra. Vieira demonstra bem este exercício de revisão da história universal e até dos conteúdos de alguns relatos bíblicos quando, por exemplo, defende, no “Sermão da Epifania”, que na iconografia do Presépio representativa do nascimento de Jesus devia surgir um quarto Rei Mago, um rei ameríndio, para contemplar e representar os novos povos descobertos pelos europeus na América. Também no que respeita ao Oriente, mostra a necessidade de revisão do número e do nome dos grandes impérios da história da humanidade, tendo por referência a simbólica profética atribuída ao sonho da estátua do rei Nabucodonosor, descrito no livro bíblico veterotestamentário do profeta Daniel, considerando, a dado passo na sua obra profética:

Disse que sabe que segundo a opinião mais comum dos Doutores na visão da estátua de Nabucodonosor eram significados quatro impérios a saber: o primeiro foi dos Assírios, o segundo dos Persas, o terceiro dos Gregos, e o quarto dos Romanos. E que também sabe que sentença de alguns Padres, e teólogos, que o Império Romano há de durar até ao fim do mundo. E que sabe que afora estes, tem havido e há ainda hoje outros impérios no mundo, quais são os do Turco, Mogol, China, e Tártaro. (Vieira, III, IV, p. 124)

Em alguns passos da sua obra, inclui recorrentemente a China entre os impérios mais “ricos” e mais “soberbos” do Oriente (Vieira, II, XII, p. 50).

Realmente, Vieira é um exemplo bem emblemático, como testemunham os seus escritos que chegaram até nós, da expressão do espanto ocidental perante as notícias e os dados cada vez mais detalhados que missionários, navegadores e comerciantes iam fazendo chegar aos círculos intelectuais, políticos e religiosos europeus, que olhavam para a China com curiosidade e interesse crescente, reconhecendo-a como um império singular, que devia ser tratado com atenção na geoestratégia das relações e das considerações de um mundo então conhecido globalmente.

II. Curiosidades de um país exótico com significados morais e cívicos

Aqui e acolá ao longo da sua obra, nomeadamente nos seus textos de oratória sagrada ou parenéticos (vulgo “sermões”), o Padre António Vieira evoca cenas, histórias, adágios, notícias e dados curiosos de outros povos do mundo – fornecidos, quase sempre, pelos seus confrades missionários –, não tanto a título informativo, mas para deles tirar ilações morais, éticas, cívicas e religiosas, elevando-os ao estatuto de *exempla*. Curiosidades da cultura e da sociedade chinesas também são invocadas para este efeito, baseando-se em informações dadas, como refere amiúde, pelo Padre Trigáucio, ou Nicolas Trigault, SJ (1577-1628), ou ainda Trigautius, como era designado em latim, ou, em mandarim, Jin Nige. Este jesuíta francófono, originário da região valónica então sob o domínio de França e que mais tarde integrará a Bélgica, foi um importante missionário na China, chegando a liderar o empreendimento evangelizador da Companhia de Jesus no Império do Meio e fazendo trabalho relevante como tradutor. Ficou conhecido pelo seu projeto tentado de romanizar o alfabeto chinês, à semelhança do que fizeram os Jesuítas com o alfabeto nativo anamita do Vietname.

Vale a pena referir aqui dois exemplos dessas histórias e dos seus usos na oratória sagrada de Vieira. A primeira é a cena constituída como alegoria moral, cívica e religiosa do homem cego que carrega um homem manco, que, como alega, seria habitual encontrar nas estradas chinesas. Assim conta Vieira, num dos seus sermões:

Quando o Padre Trigáucio andou pela China, viu que uns homens levam outros aos ombros: e advertiu que os levados aos ombros eram mancos, e

os que os levavam eram cegos. De sorte que o manco, porque tinha olhos, emprestava os olhos ao cego; e o cego, porque tinha pés, emprestava os pés ao manco; e deste modo inventou a necessidade de fazer de dois homens defeituosos um homem inteiro. Assim o devemos nós fazer, obrigados da mesma necessidade. O Sacerdote suprirá o que falta ao Irmão, e o Irmão o que falta ao Sacerdote: o Sacerdote sem língua administrando os sacramentos, e o Irmão com Língua instruindo, e ensinando os que os hão de receber. (Vieira, II, V, p. 236)

Neste sermão, dedicado ao Espírito Santo, Vieira defende uma estratégia missionária – nem sempre consensual porque criticada pelos advogados da mais estrita ortodoxia católica – usada pelos padres jesuítas tanto na América como na Ásia e na África. Os missionários, quando não dominavam a língua nativa, recorriam à ajuda de irmãos não sacerdotes conhecedores das línguas locais, que, assim, exerciam as funções de mediadores e tradutores da liturgia sacramental, nomeadamente do sacramento da confissão ou da reconciliação.

No seu sermão preparado para abrilhantar a festa de São Lucas Evangelista, médico e padroeiro dos médicos, relata histórias de doenças, nomeadamente de altas figuras da corte, como D. Sebastião. A este propósito, também fala das doenças dos imperadores chineses e do modo como eram tratadas com distinção do ponto de vista da estratégia da comunicação político-social. Explica assim Vieira:

É polícia da Corte da China darem-se às doenças do Rei os mesmos títulos que à pessoa Real. E assim dizem os Médicos: a muito alta, e muito poderosa febre de Vossa Majestade, Rainha sobre todos os Reis, e Imperadora sobre todos os imperadores, ou está mais remetida, ou mais alterada. E como nas doenças dos Reis se cura a Majestade, e não a natureza, e o respeito aplica os medicamentos, e não o juízo; por isso a mesma natureza, que no viver, e morrer fez a todos iguais, não costuma obedecer senão àqueles remédios (posto que mais austeros) onde ela depositou a virtude, e pôs a eficácia. (Vieira, II, XI, p. 238)

Com efeito, os sermões de Vieira estão bem recheados de história e histórias e das mais diversas informações, até no plano das novidades científicas que estavam a acontecer no seu tempo, usadas para enriquecer o discurso parenético, reforçar o processo argumentativo e, assim, captar o interesse dos seus

diferentes auditórios, em ordem a uma maior eficácia na transmissão da mensagem fundamental, que visa, em última análise, a transformação cristã da vida dos seus ouvintes e leitores. Por isso, a oratória sagrada de Vieira tem interesse não apenas do ponto de vista religioso, mas também por poder constituir um manancial riquíssimo para as ciências literárias, para a história da ciência, para a arte, para a política e para o conhecimento da geoestratégia deste tempo da aurora da globalização.

III. Impenetrabilidades vencidas e epopeia missionária

Vieira confirma reiteradamente a percepção dominante em toda a literatura missionária do seu tempo que fazia da China um território imenso, com uma ordem social assente em normas complexas, rígidas, com pouca abertura a estrangeiros e a influências exteriores. A China tinha um elevadíssimo conceito de si mesma. Entendia-se como o Império do Meio, o Jardim do Mundo e do Filho do Céu, detentora de uma civilização milenar com leis, uma cultura desenvolvida e superior à de todos os povos estrangeiros, caracterizados como bárbaros e inferiores. As intromissões, as presenças e as influências estrangeiras eram normalmente vistas com desconfiança e entendidas como uma ameaça à estabilidade do império da China, não trazendo, geralmente, nada de bom para a sociedade deste país. Só havia uma tolerância necessária em relação aos estrangeiros para efeitos de intercâmbios comerciais úteis à China, na medida em que lhe trouxessem produtos de que carecia e que redundassem em riquezas, através de benefício económico decorrente das dinâmicas de importação e exportação. Em suma, os estrangeiros só eram tolerados na medida em que trouxessem mais-valias à China.

Os Jesuítas, no século de Vieira, já conheciam bem – depois de décadas de presença na China e do que tinham investido em arte e engenho, em recursos humanos e materiais – o que era preciso fazer e vencer para alcançar alguma aceitação naquele território e entre os círculos mandarínicos. De tal modo que já tinham até conseguido auferir um inédito acolhimento na corte imperial. Podemos até afirmar que a China se tornou, na Época Moderna e na história da missão jesuíta, o maior desafio para o projeto evangelizador da Companhia de Jesus ao tentar integrar, inicialmente com alguns resultados animadores, as gentes do Império do Meio no rebanho da Igreja Católica. Vieira dá conta, nos seus escritos, deste empenho e até mesmo desta paixão missionária dos Jesuítas, que procuraram entrar e realizar o seu projeto missionário em terras da China consideradas,

até quase ao fim do século XVI, como impenetráveis para os missionários cristãos (cf. Vieira, II, X, p. 240). Não só as leis e a mentalidade social eram pouco hospitaleiras para estrangeiros, como a sua língua e a sua escrita contribuíam para essa imagem de impenetrabilidade. De par com a língua dos vizinhos nipónicos, a escrita chinesa é comparada por Vieira, em ordem a acentuar a sua dificuldade, à escrita hieroglífica do império egípcio (cf. Vieira, II, V, p. 257).

A entrada dos Jesuítas na China foi abundantemente descrita pelos escritores da Companhia, na sua epistolografia e nos seus relatos missionários, como uma ação épica, que surpreendia a opinião pública católica e, particularmente, os círculos cultos das elites culturais ocidentais. O próprio Vieira, em linha com os seus confrades internacionais, pinta com cores épicas, nos seus sermões, as tentativas e algumas realizações dos Jesuítas na China. A título de exemplo, podemos destacar aqui o tom épico que conferiu ao que escreveu sobre o pioneirismo e o ardor missionário de São Francisco Xavier e sobre o seu empenho, guiado pela sua vontade heroica de tentar penetrar na China disfarçado de comerciante:

Quando Xavier com tão grande, ou imensa resolução intentou a conversão não menos que do vastíssimo império da China; todos os Práticos das severíssimas Leis com que não admitiam entrar lá estrangeiro algum lhe persuadiam que no dia em que fosse conhecido o seu disfarce, enquanto não o condenavam à morte, o meteriam carregado de ferros em uma estreitíssima prisão. (Vieira, II, XII, p. 376)

Embora tenha acabado por morrer na ilha de Sanchoão, avistando esse vasto império, abriu um caminho simbólico para os Jesuítas futuros, que viriam depois de si, seguindo os seus passos e plenificando o seu gesto, como escreve Vieira num dos sermões da série que dedica a São Francisco Xavier:

Concedeu-lhe que morresse, como acabou a vida em Sanchoão, nas portas da mesma China: e concedeu-lhe que por meio, e merecimento da sua morte entrassem nela seus companheiros, como ele tinha prometido, ou profetizado. A porta do Castelo de Lisboa chama-se a porta do Moniz, em memória de um cavaleiro do mesmo apelido, o qual, concorrendo muitos Mouros para a cerrar, dando, e recebendo feridas se deixou cair morto nela, com tal acordo, que por cima dele entraram os Cristãos, e se fizeram Senhores do Castelo. Tal Xavier caindo morto às portas da China que batia. (Vieira, II, XII, p. 240)

Vieira demonstra, de forma significativa e bem representada no exemplo do denodado Francisco Xavier, a paixão dos missionários jesuítas pela missão da China, atendendo ao ideal definido pelo seu Fundador, Inácio de Loyola, que propunha que os Jesuítas deveriam aspirar e procurar as missões mais difíceis. A morte de Francisco Xavier não teria sido em vão, pois é apresentada por Vieira como um sacrifício redentor e necessário para vencer e abrir as portas fechadas da China à missão cristã, sendo assim descrita epicamente, com referência a ações mitificadas da Antiguidade Clássica grega:

A força da sua morte, que não pôde contra ela sustentar fechadas as portas a mesma China, entrada, e presidida deles muito a seu pesar no princípio, e muito a seu prazer no progresso. E se nos lembrarmos da comparação do atrevido, e disfarçado Grego, sendo cada navio, que hoje chega de Portugal à China, um cavalo de madeira, como o Troiano, fornecido de valorosos Soldados; dele se pode dizer, pois Xavier assim o tinha maquinado: *Scandit fatalis machina muros* [A máquina fatal transpõe as muralhas]. (Vieira, II, XII, p. 241)

O investimento retórico de Vieira ao dedicar a Francisco Xavier um volume inteiro de sermões, no qual descreve a paixão e a ação missionária multimoda deste santo jesuíta em terras do Oriente, em particular do Extremo Oriente, é entendido, por alguns autores, como uma projeção modelar daquilo que estava também a acontecer no Extremo Ocidente, com as missões dos Jesuítas junto dos ameríndios, em que se destacavam então o protagonismo e a liderança de Vieira. De algum modo, Vieira toma Xavier, entretanto canonizado pelo papa Gregório XV, em 1622, como seu heterónimo, enquanto exemplo de grande ator missionário que viria a tornar-se modelo inspirador para muitos que vieram depois. Neste sentido, escreve Mário Garcia:

A palavra “heterónimo”, neste contexto, traduz uma fraterna emulação. [...] Vieira, falando de outro, fala de si, porque, falando do outro, fala do outro que ambiciona ser numa escala quase infinita de entusiasmo, diante do seu Herói, e de sincero exame de consciência diante de si mesmo. Por isso, Xavier é o seu verdadeiro heterónimo. Distinguem-se, mas não podem separar-se. Herdeiros da mesma tradição, Vieira projeta em Xavier vivências pessoais, idealizadas; afasta-se dele, para melhor o admirar, em súplica intercessora, em comunhão de vida. Degraus da única escada para Deus, a da santidade,

que ambos, a seu modo, sobem de mãos dadas. Acima de qualquer continência, são ambos filhos da mesma Companhia de Jesus. (Garcia, 1997, p. 439)

Esta passagem ilustra bem a densidade épica que Vieira confere ao empreendedorismo missionário de Xavier, em que podemos ver também espelhados muitos dos caminhos e das dificuldades sentidas e vencidas por Vieira nos territórios difíceis dos sertões do chamado Novo Mundo americano:

A primeira terra que deixou saindo de Lisboa, e navegando ao sul, foi a Costa de Berbéria até à Guiné, toda à mão esquerda, e à direita o mar Atlântico. Dali até o Cabo de Boa Esperança, e voltando o mesmo Cabo até o estreito de Meca, por uma, e outra parte a terra era África sempre à mão esquerda, e à direita o mar Etiópico. Daquele estreito até o Seio Pérsico, e foz do Eufrates, à mão esquerda a Arábia Feliz, e à Direita o mar Arábico. Da garganta do mesmo Seio até à primeira foz do Indo, a Carmânia parte da Pérsia, à mão esquerda, e à direita o mar Pérsico, por nome mais geral Eritreu. Do Indo começa a terra, a que ele dá o nome, chamada Índia, e se estende até ao Cabo de Camorim, à mão esquerda toda, e à direita o mar Índico. Do Cabo de Camorim dá volta, e corre a contracosta do Reino de Narsinga, ou Bisnaga, até a foz do Ganges ao mesmo modo à mão esquerda, e à direita o mar, ou golfo de Bengala. Seguindo o grande arco que faz aquele golfo pelas Costas da mesma Bengala, Pegu, e Sião até o estreito de Singapura, o mais austral de todo o Oriente, todas aquelas terras ficam à mão esquerda, e o mar por onde se navegam, que é o mesmo golfo, à direita. Finalmente continuando depois de Malaca os Reinos de Camboja, Champá, e Cochinchina, e o vastíssimo Império da China, todo este grande trato de terras demoram à mão esquerda, e o mar, ou mares do Oceano Chinense até o Japão à direita. E como naquela universal, e total derrota que Xavier fez desde os últimos fins de Europa até os fins também últimos da Ásia, as terras estavam, e estão lançadas a tão diferentes rumos, já de Norte a Sul, ou do Sul ao Norte, já de Poente a Levante, ou de Levante a Poente, já de todos os outros ventos, e suas partidas, demorando sempre todas à parte esquerda, como os mesmos mares à direita; por isso esta é a razão natural, e demonstração geográfica, e este o sentido literal, necessário, e forçoso, sem nenhum outro mistério, ou interpretação, por que o Anjo que representava a Xavier apareceu não mudando, ou trocando os pés, senão firme, e constantemente com

o esquerdo sempre sobre a terra, e o direito sempre sobre o mar. (Vieira, II, XII, pp. 139-140)

Vieira pretende mostrar a grande escala geográfica que Xavier abrangeu na sua aventura missionária, percorrendo, em poucos anos, as mais diversas terras do Oriente para anunciar o Evangelho entre diferentes povos, reinos e impérios. Com esta descrição literariamente bem construída, procura conferir uma dimensão épica às realizações missionárias deste pioneiro das missões jesuítas do Oriente.

IV. A China integrada na nova ordem global da utopia do V Império

Uma componente importante do legado intelectual do Padre António Vieira é o seu pensamento utópico, patente nos densos e longos escritos sobre o V Império, em que merecem destaque, pela originalidade, profundidade e influência na cultura posterior, a *História do Futuro* e a *Clavis Prophetarum (A Chave dos Profetas)*. O seu pensamento teleológico sobre o futuro de Portugal e do mundo no seu conjunto foi desenvolvido na fase da sua maturidade intelectual, na segunda metade do século XVII. Neste quadro de especulação futuroológica, atualiza o pensamento utópico anterior e integra a extensão geográfica do mundo, então cada vez mais globalmente conhecido. Por isso, a sua utopia de paz e de concórdia, assente no projeto de edificação de um novo império global de fraternidade e não de domínio, o V Império projetado na profecia do livro bíblico de Daniel, integra os novos impérios cartografados e reconhecidos amplamente pelos europeus nas suas viagens marítimas globais. A China e o seu regime político imperial são integrados na projeção do V Império de Vieira e a sua identidade política e civilizacional é respeitada, já que o pensador jesuíta idealizava que todos os povos fossem admitidos na nova ordem mundial deste império, liderado por Portugal, não para dominar mas para estabelecer, enquanto autoridade internacional respeitada, a pacificação e a cooperação perfeita com vista à assunção de uma era feliz sobre a Terra, em que haveria harmonia das comunidades humanas entre si e com a natureza, sendo favorecida por uma graça especial dos Céus.

Nesta nova ordem mundial, nenhuma forma política mudaria, apenas seria aperfeiçoada a qualidade da humanização das relações entre todos, havendo somente uma partilha de soberania no que aos interesses da paz e da concórdia dissesse respeito. Para este fim, Vieira explica:

E ainda na mesma suposição que perdesse o Imperador da Alemanha a autoridade que ao presente tem, de nenhuma maneira perderia o nome de Imperador, como nem os imperadores do Mogor, da Pérsia e da China. Os restantes ficariam, como os outros reinos, sujeitos ao Imperador universal, o qual decidiria as controvérsias com que hoje se destroem, e manteria todo o mundo na paz de Cristo, tão celebrada pelos profetas, a qual por este modo viria a ter o seu inteiro cumprimento, segundo a ordem monárquica, com que a Divina Providência a governa e dispõe tudo suavemente. (Vieira, I, V, p. 84)

O sonho do V Império de Vieira é uma das mais generosas utopias da Modernidade resultantes do processo gnosiológico de conhecimento global do planeta Terra, que passa todo ele a estar englobado como território desta utopia. Raymond Cantel (1960), célebre estudioso francês de Vieira, considerou que este projeto utópico antecipou os planos, dos séculos XIX e XX, de criação de autoridades mundiais, como foi o caso da ONU, para resolver diferendos e estabelecer a paz entre as nações do mundo.

V. Território de experimentação de metodologias e de disputas missionárias

Na verdade, a Europa estava a ser inundada, no tempo de Vieira, pela circulação impressa e manuscrita de notícias e obras diversas sobre o Oriente, entre as quais se destacavam os escritos de controvérsia da chamada querela dos ritos chineses, ou seja, sobre as dúvidas e acusações de pouca ortodoxia dos métodos adaptacionistas aplicados pelos Jesuítas na evangelização da China. Vieira assume, em vários passos dos seus escritos, a defesa das metodologias e estratégias missionárias que os Jesuítas estavam a ensaiar em diferentes pontos do globo. Tratava-se de territórios de missão marcados por especificidades culturais e religiosas, que requeriam novas abordagens no processo de propagação do Evangelho. Não resultavam, em termos de eficácia, os velhos métodos de anúncio direto, que traziam consigo muita roupagem cultural típica da civilização ocidental que envolvia as formas de vivência dos conteúdos doutrinários da fé cristã.

Os Jesuítas, querendo levar o mais longe possível o esforço de realização da utopia de universalização do cristianismo, mas percecionando as implicações e dificuldades do perfil destes povos que haviam escolhido para destinatários da sua catequização, desenvolveram uma visão vanguardista do processo missionário. Agiram motivados pelo ambiente de militância proselitista impulsionada pela

Contrarreforma, consagrada pelo Concílio de Trento (1543-1563), mas acabaram por ser vítimas da deriva ortodoxizante que a viragem tridentina acentuou.

O perfil mais maleável da organização da Ordem de Santo Inácio, vocacionada para a ação concertada em vários cenários de missão, e o investimento que a mesma fez na formação intelectual dos seus membros predispunham os Jesuítas a reinventar soluções para os novos desafios missionários que a Modernidade lançou à Igreja. Como explica Luís Filipe Thomaz, realçando as vantagens da Companhia em relação às outras ordens:

Os Jesuítas tinham uma organização muito mais desenvolvida e eficaz do que os religiosos que os tinham precedido. Por outro lado, compreenderam muito depressa a necessidade de conceberem novos métodos de evangelização e de empreenderem esforços de adaptação que lhes permitissem conquistar, aqui como na Europa, as elites regionais. (Thomaz, 1998, p. 253)

Completa esta avaliação global destacando os protagonistas deste progresso metodológico:

Os artífices desta adaptação foram, na Índia como na China, sobretudo italianos – Ricci na China, Nobili no Malabar –, mais clarividentes a este respeito do que os Portugueses, mal colocados para separar os interesses da Igreja dos do Estado de que faziam parte e discernir a fronteira entre a evangelização e a assimilação à cultura portuguesa. No entanto, um pouco mais tarde, as suas pisadas foram seguidas por Jesuítas portugueses como São João de Brito (1647-1693), que viveu como um asceta hindu para melhor atrair ao cristianismo as castas cultas, que viram assim a sua posição salvaguardada. (Thomaz, 1998, p. 253)

Foi neste ambiente especialíssimo, pela sua complexidade e peculiaridade, que rebentou uma das maiores controvérsias da Modernidade entre instituições missionárias e correntes divergentes da Igreja Católica, envolvendo Estados, príncipes e elites intelectuais e transbordando, com significativo impacto, para a opinião pública europeia. Os que discordavam do *modus procedendi* dos padres da Companhia de Jesus e lhes devotavam pouca simpatia souberam aproveitar este seu arrojo para deteriorar a sua fama, tirando daí muitos dividendos em favor do movimento antijesuíta, que, no quadro destas polémicas, adquiriu uma maior expressão. Com efeito, a Companhia de Jesus estava, no século XVII, a ser

fustigada por missionários de outras ordens e da muito conservadora corrente jansenista pela sua experimentação de diversos métodos de adaptação do cristianismo ao contexto cultural e social da China, passando pela adoção de termos próprios do universo teológico-cultural sínico para traduzir, em linguagem compreendida pela mentalidade dos missionandos sínicos, conceitos doutrinários da teologia cristã; pela adaptação de alguns aspetos da liturgia, da indumentária e da arquitetura dos templos; e pela tolerância em relação à continuação da prática, por cristãos convertidos, de ritos confucianos entendidos como ritos cívicos e não como rituais religiosos.

A utilização das redes comerciais, e até, em alguns casos, o recurso a práticas comerciais, para favorecer o esforço de expansão missionária tornou-se uma estratégia recorrente da Companhia de Jesus, dando frutos. Todavia, este procedimento precisou de ser sucessivamente defendido perante as suspeitas e a crítica dos mais ciosos de uma visão tradicional do que deveria ser próprio das funções de um membro de uma ordem religiosa, o qual não devia imiscuir-se nem “sujar” as mãos em atividades comerciais consideradas menos dignas. Compreende-se, neste contexto de polémica, o empenho de Vieira em mostrar como o comércio ajudava a difusão da fé e a fé favorecia o engrandecimento do comércio, caminhando os dois de mãos dadas, ao serviço de um ideal maior:

O primeiro rei de Portugal que se intitulou “rei do comércio da Etiópia, Arábia, Pérsia e da Índia” foi o que introduziu a fé na Índia, na Pérsia, na Arábia e na Etiópia. Se não houvesse mercadores que fossem buscar a umas e outras Índias os tesouros da terra, quem havia de passar lá os pregadores, que levam o do Céu? Os pregadores levam o Evangelho, e o comércio leva os pregadores. São Tomé, que houve de levar do Brasil à Índia o Evangelho, quando não havia comércio, houve de caminhar (como é tradição) por cima das ondas, porque não teve quem o levasse. E o segundo apóstolo do Oriente, querendo pregar na China, traçou que o pregador entrasse como negociante para que a fé tivesse lugar como mercadoria. Assim começou Deus a espalhar o conhecimento de Sua fé pelo mundo e assim deu princípio àquele admirável comércio com que depois, tomando de nós o que tínhamos na terra, nos enriqueceu com o que trazia do Céu. (Vieira, III, I, p. 498)

Este grande missionário do Ocidente, papel que Vieira, de algum modo, assumia, também retrata, num dos seus sermões xavierianos, a já atrás referida

estratégia dos Jesuítas que passava por se qualificarem com o conhecimento científico avançado que se produzia na Europa e oferecerem os seus préstimos técnico-científicos aos altos poderes dos impérios do Oriente, nomeadamente da China, para conquistar as suas boas graças e abrir portas à difusão da fé cristã:

Alcançou-se primeiro esta licença dos Imperadores Chinas, e depois dos Imperadores Tártaros. E por que meio? Não do Evangelho descoberto, mas escondido debaixo das ciências Matemáticas, com que lá penetram os sucessores de Xavier, Religiosos da Companhia, famosos Astrónomos, e Astrólogos, e vencendo as suas demonstrações com evidência às dos que lá professavam as mesmas Artes, estes são os que têm mais francas, e familiares entradas nos encantados Palácios do Supremo Senhor, aonde Ele por grande favor de dentro das cortinas do Seu Trono mostra um dedo. Assim que estes foram os meios naturais, e não Divinos, com que Deus aprovando o discurso de Xavier, e como seguindo o seu conselho pelo Céu da Lua, pelo Céu do Sol, e pelo Céu das Estrelas, levou as Almas dos Chinas ao Empíreo. (Vieira, II, XII, p. 377)

Vieira faz eco da relevância das inéditas conquistas de alguns sábios jesuítas ocidentais, entre eles Adam Schall e Tomás Pereira, que, sendo estrangeiros, conseguiram, como antes não havia notícia, chegar à liderança, por convite da corte imperial chinesa, de instituições científicas daquele império, nomeadamente do Tribunal das Matemáticas, em virtude do reconhecimento da superioridade do seu saber científico nas suas áreas de especialidade, que poderia beneficiar o progresso da ciência chinesa.

Efetivamente, os Jesuítas compreenderam bem que a resistência da mentalidade chinesa aos estrangeiros só poderia ser vencida se trouxessem alguma mais-valia à sua civilização, que era, de facto, muito complexa e avançada. Deste conhecimento da cultura sínica e da percepção clara da necessidade de encontrar na civilização ocidental contributos úteis e mais avançados para a civilização chinesa é que decorre a estratégia de investimento na oferta da inovação científica que estava a suceder na Europa à ciência chinesa. Dando nota deste investimento científico dos Jesuítas e dos seus bons resultados, para aliviar a proibição de missionação cristã na China, assim escreve Vieira, em carta ao Marquês de Gouveia, de 1 de agosto de 1671, estando em Roma:

Por Holanda vieram novas da China, em que o Imperador havia levantado o desterro aos pregadores católicos, e admitido a grande familiaridade três padres da Companhia, que iam quase todos os dias ao palácio a fazer-lhe demonstrações astronómicas, de que é muito afeiçoado. Já isto são princípios de levantar os olhos ao céu. (Vieira, I, III, p. 118)

Os passos lentos dos Jesuítas, mas com alguns avanços, na tentativa de abertura da China à evangelização cristã nem sempre eram bem compreendidos pelos seus adversários, que não entendiam a dedicação de missionários, durante anos, ao exercício das ciências modernas, em vez de gastarem o seu tempo na pregação direta da doutrina cristã. Faltava aos críticos desta estratégia da Companhia uma visão de fundo e de longo alcance, que acabaria por começar a dar frutos. Só não foram mais consistentes e duradouros devido às interferências de agentes missionários de novas instituições católicas dedicadas à missionação global fora da alçada do Padroado Português, sob cuja tutela atuavam os Jesuítas. A Propaganda Fide, sob a autoridade da Santa Sé, e a Sociedade das Missões Estrangeiras de Paris, sob a tutela de França, começaram a projetar missionários para as missões do Oriente e a concorrer com o trabalho dos Jesuítas, pondo em causa a sua estratégia missionária. Estas novas instituições missionárias católicas de alcance global, ao lado dos críticos das outras ordens religiosas, acabaram por influenciar as orientações da Santa Sé, que, no final do século XVII e na primeira metade do século XVIII, viria a conter e até proibir as metodologias adaptacionistas da Companhia de Jesus, com graves prejuízos para o sucesso já alcançado na implantação do cristianismo na China.

VI. Comparação e reivindicação: a geoestratégia missionária jesuíta

Vieira leva-nos a depreender, pelas observações feitas sobre as missões da Companhia de Jesus no Oriente, particularmente na China, que a sua ordem teria especial empenho nestes territórios missionários do outro lado do globo terrestre. Aliás, Vieira chega mesmo a mostrar-se queixoso pelo menor investimento de recursos humanos missionários no Brasil quando comparado com o do Oriente, maior em número e em qualidade, nomeadamente na China e no Japão. Com efeito, o Governo Geral dos Jesuítas, no quadro geoestratégico da missionação promovida na chamada Assistência Portuguesa da Companhia de Jesus, promovia fortemente a seleção de jesuítas especializados em matemática, astronomia e outras ciências apreciadas pelas elites chinesas para serem enviados para a

missão da China. Este investimento fazia parte de uma estratégia que estava a revelar-se bem-sucedida, a qual consistia em oferecer serviços científicos de grande interesse para a China, nomeadamente para a corte imperial, para criar boas relações, que, por essa via, ajudassem a granjear alguma abertura para a realização do objetivo missionário, que era, ao fim e ao cabo, anunciar o Evangelho de Jesus Cristo aos povos deste imenso país.

Vieira lamenta ainda que os progressos realizados nas missões do Oriente tenham alcançado mais visibilidade e fama na Europa do que o trabalho missionário que era desenvolvido nas extensas regiões do Brasil, das quais pouco se escrevia e divulgava, em comparação com as notícias abundantes que chegavam do Oriente ou da chamada América Espanhola. Assim se queixa Vieira, em carta ao superior provincial do Brasil, de 1 de junho de 1656:

Porque o ler um curso, ou o fazer quatro sermões, não é o que nos honra, singulariza, ilustra, senão as conquistas da fé, e as almas convertidas a Deus, que é a matéria que há tanto tempo tem faltado à nossa Província, e pela qual me perguntaram muitas vezes os padres das nações por onde passei, espantando-se de ouvirem tantas relações do Japão, da Índia, da China, do Paraguai, do Chile e das outras Províncias da América, e só do Brasil não se escrever nada. (Vieira, I, II, p. 219)

De facto, este desabafo de Vieira demonstra, recorrendo a uma linguagem dos nossos dias, que o Brasil ainda não estava na moda no século XVII, como, pelo contrário, estava o Oriente, com particular destaque para a China, que suscitava grande interesse dos círculos culturais e religiosos europeus (Cf. Doré, 2017). O século seguinte, chamado Século das Luzes, vai começar a colocar o Brasil na ribalta, em virtude da descoberta de minas de ouro e diamantes, atraindo a atenção do velho continente, que passou a beneficiar grandemente com a exploração destas riquezas.

VII. Espaço de conflito político e comercial

A China surge também referenciada na obra de Vieira a propósito dos holandeses. A Holanda, com o seu poderio imperial em plena expansão, estava a ameaçar e a carcomer territórios sob o domínio do império português a nível intercontinental. As novas redes comerciais construídas a nível global pelas companhias holandesas e as suas poderosas e avançadas frotas navais eram um fator

de desestabilização política, mas também causavam perturbações nos projetos missionários católicos em curso.

Os conflitos com os holandeses estão omnipresentes nos escritos de Vieira, que dá conta da sua projeção global nesta passagem eloquente de uma carta ao Marquês de Nisa, que escreveu, de Paris, a 11 de março de 1646:

E acrescentava que ainda quando o Brasil se nos desse de graça era matéria digna de muita ponderação ver se nos convinha aceitá-lo com os encargos da guerra com Holanda em tempo que tão embaraçados nos tem a de Castela, porque são homens os holandeses com quem não só vizinhamos no Brasil senão na Índia, na China, no Japão, em Angola e em todas as partes da terra e do mar onde o seu poder é o maior do mundo. (Vieira, I, I, p. 164)

Sabemos que Vieira viveu em cenários de guerra aberta com os holandeses em terras do Brasil, mas ainda esteve envolvido, nas suas viagens marítimas, em episódios de ataque e captura por corsários da Holanda em alto-mar.

Este povo, maioritariamente de confissão cristã protestante, foi encarado, ao longo do século XVII, como a grande ameaça que espreitava os domínios de Portugal em todo o mundo. A adesão dos holandeses ao protestantismo e os seus interesses comerciais, concorrendo com os dos portugueses, em que procuravam abrir novas rotas de negócio na China e no Japão, levaram a que promovessem uma propaganda contra o trabalho dos missionários católicos, nomeadamente contra o dos Jesuítas. Comerciantes holandeses procuraram descredibilizar os missionários católicos junto dos poderes destes países, criando intrigas e acusando-os de esconderem projetos de dominação política da parte das monarquias católicas ocidentais.

3. Conclusões

O mote deste estudo era, inicialmente, o de tentar perceber se na vida e na obra do Padre António Vieira haveria uma paixão, ou atração, pelo Oriente, à semelhança do que moveu muitos missionários jesuítas seus confrades desde a primeira década de fundação da Companhia de Jesus, em 1540. Durante a Época Moderna, o ideal missionário da evangelização dos povos do Oriente asiático gerou vagas sucessivas de missionários com destino àquelas paragens, contribuindo para alterar as perceções e as imagens patentes na cultura europeia sobre os rei-

nos e impérios daquela região do mundo, então em processo de conhecimento e de consciência global do planeta Terra no seu conjunto.

Poderíamos pensar, à partida, que Vieira, sendo jesuíta, também poderia ter sido movido por esta atração missionária do Oriente, em geral, e da China, em particular. Da análise feita à sua obra, exposta neste artigo, não podemos confirmar esta hipótese. Em sentido estrito, não se pode falar de uma paixão de Vieira pelas missões do Oriente, pois o seu foco, em termos de trabalho missionário e de relação afetiva, estava no projeto missionário do Ocidente, o chamado Novo Mundo. No entanto, em sentido lato sim, podemos dizer que Vieira não deixou de dar uma atenção especial – com o interesse e a paixão que lhe eram característicos quanto aos assuntos que à sua ordem diziam respeito – aos progressos da missionação no outro extremo do mundo, o Extremo Oriente. Sendo a missionação a grande paixão da sua vida, revelava o mesmo sentimento também pela atividade missionária em curso no Oriente, em particular na China, na medida em que estava integrado no horizonte missionário da Companhia de Jesus, a que tinha devotado a vida. Neste quadro, a China acaba por ter uma presença significativa na obra escrita de Vieira, beneficiando, fazendo eco e servindo-se para diversos fins, como vimos ao longo deste artigo, das informações patentes nos discursos que circulavam através da rede de comunicação global da Companhia de Jesus.

Referências bibliográficas

- Alden, D. (1996). *The making of an enterprise: The Society of Jesus in Portugal, its empire and beyond, 1540-1750*. Stanford: Stanford University Press.
- Cantel, R. (1960). *Prophétisme et messianisme dans l'oeuvre d'Antonio Vieira*. Paris: Éditiones Hispano-Americanas.
- Doré, A. (2017). A Ásia no Papel Forte do Padre Antônio Vieira. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, 12, 51-66.
- Franco, J. E. (2006-2007). *O mito dos Jesuítas em Portugal, no Brasil e no Oriente* (2 Vols.). Lisboa: Gradiva.
- Franco, J. E. (2020). 1540 – Os Jesuítas e a primeira base de dados global. In C. Fiolhais, J. E. Franco & J. P. Paiva (Dirs.), *História global de Portugal* (pp. 379-384). Lisboa: Círculo de Leitores/Temas e Debates.
- Franco, J. E. & Fiolhais, C. (2016). *Jesuítas, construtores da globalização: Uma história da Companhia de Jesus*. Lisboa: Correios.
- Garcia, M. (1997). Xavier, heterónimo de Vieira. *Brotéria*, 145, 437-467.
- Lowney, C. (2006). *Liderança heróica*. Lisboa: Verbo.
- Pessoa, F. (2013). *Mensagem*. Lisboa: Bertrand.

- Pinto, F. M. (2018). *Obras pioneiras da cultura portuguesa* (Vol. 19 – *Primeira obra de aventura e contactos intercivilizacionais: Peregrinação [Fernão Mendes Pinto]*, Coord. A. Polónia & R. Capelão). Lisboa: Círculo de Leitores.
- Thomaz, L. F. F. R. (1998). *De Ceuta a Timor* (2.^a ed.). Lisboa: Difel.
- Vainfas, R. (2011). *Antônio Vieira, jesuíta do Rei*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Vieira, A. (2013-2014). *Obra Completa* (30 Vols.). Dir. J. E. Franco & P. Calafate. Lisboa: Círculo de Leitores.
- Xavier, F. (1987). *Correspondence (1535-1552)*. Org. H. Didier. Paris: Desclée de Brouwer.